

# A casa e o mundo: família e trajetórias educacionais entre pesquisadores indianos na Europa

**Vinicius Kauê Ferreira<sup>1</sup>**

Neste capítulo analiso a relação entre parentesco, educação e globalização<sup>2</sup>. A partir de uma pesquisa etnográfica junto a acadêmicos indianos em Ciências Sociais que fazem carreira na Europa, com uma abertura comparativa com o Canadá, reflito sobre como trajetórias acadêmicas são produzidas e produzem relações familiares. Analiso um contexto mutante de educação no contexto indiano e global para discorrer não apenas sobre estratégias educacionais familiares entre classes médias indianas, mas também estratégias individuais de capitalização e negociação desses investimentos familiares. Aponto para o fato de que as transformações do cenário universitário internacional, ocorridas nos anos 1990 e, sobretudo, 2000, têm implicado uma transformação de estratégias educacionais internacionais tendo em vista um duplo movimento: (a) uma maior abertura dessas circulações a trajetórias de mobilidade social, integrando, portanto, famílias antes excluídas de certas redes acadêmicas que conectam a Índia e a Europa; e (b) a precarização do trabalho acadêmico pós-doutoramento, e que aparece

---

1 Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Pós-Doutorado (PNPD) da CAPES. Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa doutoral realizada com financiamento da CAPES através de uma Bolsa de Doutorado Pleno no Exterior.

2 O título é uma referência ao filme homônimo de Satyajit Ray. Ainda que o tema do filme não seja a educação dos filhos, inspiro-me na reflexão sobre o espaço doméstico como uma espécie de eterno ponto de retorno para a nossa relação com o mundo.

[ VOLTA AO SUMÁRIO ]

como um elemento importante na definição de estratégias de carreira entre classes médias educadas sob a promessa da vida estável.

As reflexões aqui apresentadas dizem respeito a uma pesquisa etnográfica multissituada, conduzida de 2015 a 2017 entre o Reino Unido, a Alemanha e a Índia, além de um curto campo na Suíça. Além da observação participante da vida científica e social de centros de pesquisa especializados na Ásia do Sul nesses países, baseio-me aqui em cerca de 50 entrevistas em profundidade realizadas com pesquisadores em diferentes níveis da carreira (desde pós-doutorandos até seniores) que se instalaram ou passaram, em algum momento, por universidades europeias. Realizei também entrevistas com professores no Canadá, além de outras com acadêmicos instalados na África do Sul, no Oriente Médio e na Ásia do Sudeste. Duas razões me conduziram a expandir minhas entrevistas a outros contextos nacionais para além da Europa, ainda que o foco de minha pesquisa tenha permanecido esta última: (i) o fato que diferentes contextos de destino implicavam diferenças de experiências e estratégias que permitiam colocar meu campo principal em perspectiva e, conseqüentemente, analisá-lo de modo mais qualificado; e (ii) o fato de que, como é próprio das circulações acadêmicas, alguns de meus interlocutores acabaram se mudando durante minha pesquisa, seguindo uma tendência atual de expansão do mercado acadêmico contemporâneo em direção ao Oriente Médio e à Ásia do Sudeste. Ou seja, tratar de circulações acadêmicas contemporâneas, altamente flexíveis e em transformação, levou-me a estabelecer um campo com limites relativamente porosos e abertos a novos encadeamentos na medida em que eles me propiciavam uma nova perspectiva do meu campo previamente definido, bem como me permitiam entrever os novos horizontes abertos aos meus interlocutores.

## Famílias de classes médias e escolarização

A imensa maioria de meus interlocutores é composta de filhos e filhas de famílias de classes médias urbanas, escolarizadas, sobretudo no caso dos pais, que costuma ter ensino superior completo, o que é menos recorrente entre as mães. Dentre as ocupações mais comuns estão as profissões liberais, como a medicina e os negócios, e o funcionalismo público. Quanto a

este último, muito presente no meu campo, embora os postos ocupados pelos pais de meus interlocutores variassem consideravelmente, indo de cargos de médio escalão até postos de diplomacia, o funcionalismo público tem sido historicamente visto como uma via prestigiosa de ascensão (ou manutenção) social, segurança e, não menos importante, inserção em redes de decisão – por exemplo, de admissão em boas escolas e de atribuição de bolsas de pesquisa – ainda que isto tenha esteja sendo relativizado com a ascensão de novas profissões.

A apropriação de tais redes pode ser tão ampla quanto é a diversificação profissional da família extensa: em famílias com diversos filhos é comum que, por exemplo, a mãe seja professora de escola e o pai funcionário público de médio escalão, um filho seja professor universitário, outro trabalhe no setor de informática e outro no exército, criando assim redes familiares que podem ser úteis para lhes assegurar posições de prestígio na carreira um do outro, assim como vagas nas melhores escolas para os netos.

A exemplo de muitos lugares do mundo, também na Índia o sentido do termo classe média recobre ocupações, estilos de vida e configurações domésticas bastante diversas, além de dinâmicas no modo como elas se transformam. Como no caso brasileiro, o termo designou por muito tempo uma parte minoritária da população que gozava de relativa estabilidade econômica e privilégios assegurados pela mão de obra barata para serviços e pela desigualdade estrutural – em termos de casta, religião, origem regional e gênero – no acesso às melhores posições educacionais e profissionais. Atualmente, entre as classes médias estão também profissionais que realizaram trajetórias de ascensão social, muitos deles graças a políticas afirmativas para baixas castas<sup>3</sup>, religiões minoritárias, *adivasis*<sup>4</sup> e outros grupos

---

3 As políticas afirmativas, nos seus moldes atuais, datam do início dos anos 1990, quando da implementação de medidas propostas pela Comissão Mandal. O relatório da comissão propunha então a franca ampliação da política já existente de reservas de vagas (de 27% a 49% para postos públicos e universidades), que datavam do período pós-independência, para uma série de grupos marginalizados em termos de casta, religiosos, étnicos e econômicos. Para uma análise dos debates engendrados pela Comissão Mandal nas Ciências Sociais indianas, ver Rege (2011).

4 *Adivasi* é o termo para designar grupos também chamados de “tribais” [tribals], que são minorias étnicas ou povos autóctones do subcontinente indiano.

subalternizados em concursos públicos e universidades. No plano universitário, esta transformação tem significado também uma menor hegemonia de certos modelos de intelectualidade – ou seja, do que se considera ser a imagem do “intelectual indiano” –, tradicionalmente associados a valores e imagens desta classe média urbana altamente escolarizada dentro de uma cultura literária e científica que é ao mesmo tempo anglófila e de valorização daqueles que são considerados como os grandes representantes da “cultura indiana”. A transformação opera-se, sobretudo, na contestação desses grandes personagens (como é o caso do poeta Rabindranath Tagore), que passam a ser vistos como representantes de uma cultura de altas castas que construíram, ao longo dos últimos dois séculos, um capital cultural coletivo baseado em padrões europeus de cultura.

Nos seus trabalhos recentes, Leela Fernandes define as classes médias indianas segundo uma articulação entre quatro abordagens clássicas neste campo de estudos:

- (1) um grupo baseado na renda (SRIDHARAN, 1999; 2004),
- (2) um grupo definido estruturalmente (BARDHAN, 1993; 1998; RUDRA, 1989),
- (3) uma classe em termos aspiracionais e culturais (MANKENAR, 1999; RAJAGOPAL, 2001b), e
- (4) um produto do discurso e da imaginação social (APPADURAI, 1996) (FERNANDES, 2006, p. XXXIV).

Reconhecendo a importância de cada uma dessas linhas, a autora permanece aberta a uma compreensão multidimensional e mais dinâmica da construção das novas classes médias indianas. Como mostrarei aqui, o estudo dessas dinâmicas de circulação internacional nos conduz não somente à análise de práticas, tradicionais e emergentes, de consumo e à aspirações profissionais, mas também às práticas de classificação simbólica, estilos de vida e distinção social e cultural (BOURDIEU, 1979).

Já Henrike Donner (2005), em seu estudo sobre o papel das mães na educação de jovens de classes médias bengalis, propõe uma definição mais circunscrita às grandes cidades indianas e que recobre parcialmente a posição social de meus interlocutores. Donner está correto em afirmar que

as classes médias indianas estão historicamente associadas a profissões de negócios, autônomas e públicas, com forte apego à noção de propriedade e de uma vida profissionalmente próspera. Ele também tem razão ao afirmar que o termo classe média abarca famílias com diferentes configurações e níveis de renda per capita – alguns de meus interlocutores tinham cinco ou seis irmãos, o que relativiza seu capital econômico –, mas que em todas elas a educação formal é altamente valorizada como meio de ascensão social. Contudo, apesar de ser verdade que o serviço público tem sido historicamente uma meta para muitos jovens advindos dessas famílias, este tem deixado de ser, progressivamente, um valor central da identidade da classe média. Isso porque com a emergência de novas profissões nos setores de tecnologia da informação, engenharias e finanças, o serviço público, e sobretudo de professor universitário, tem sido visto como “pouco recompensador”, apesar de garantir alguma segurança (BAYLY, 2007).

Neste contexto, a influência familiar é geralmente muito grande na escolha da profissão, sendo muito comum que durante os anos finais do Ensino Médio os jovens tenham que negociar com sua família estendida – incluindo avós, tios e até mesmo agregados – seus planos universitários. Tendo em vista que uma graduação em ciências humanas e sociais está longe de gozar de grande prestígio social na Índia, muitos de meus interlocutores relatam que a autorização da família para seguir esse caminho dependia da admissão numa instituição de grande renome. Nikhil, um homem nos seus 40 anos, criado pelo avô diplomata, hoje professor de História numa universidade do norte da Inglaterra, conta que a resistência de sua família aos estudos em História se dissiparia com sua admissão em St. Stephen’s College, o mais tradicional e reputado *college* do país, afiliado à Universidade de Délhi:

*St. Stephen’s College, ao menos naquele tempo, era a única faculdade a realizar entrevistas<sup>5</sup>. Então as notas eram apenas a*

---

5 As entrevistas avaliam, para além de critérios objetivos de entrada como as notas escolares, dimensões muito mais subjetivas e que dizem respeito à adesão dos alunos a certas disposições mentais e corporais que configuram o espírito de corpo da instituição (BOURDIEU, 1989).

*primeira rodada, antes de passar para a entrevista. Eles me colocaram questões muito difíceis na entrevista. Com sorte, graças às leituras, a leituras mais amplas que eu tinha feito, o fato de que eu havia lido muito, sempre li para além do currículo escolar por prazer, mais do que só para as avaliações, isso me ajudou. Mas eu não tive a certeza de ter sido aceito porque eu ainda lembro um dos meus entrevistadores dizendo “nós nunca ouvimos falar de sua escola”, então eu parti da entrevista pensando “eles nunca ouviram falar da minha escola, como é possível que eu seja aprovado?”. Mas eu fui aprovado, e uma vez que eu tive o resultado, a família inteira se uniu. Mesmo pessoas que nunca concordaram em nada se uniram contra mim [porque ele também havia sido aceito no Hindu College, instituição menos prestigiosa, mas que ele preferia] para dizer “não, agora que você conseguiu entrar em St. Stephen’s, você deve se matricular em St. Stephen’s College”. E foi o que fiz.*

Nikhil me contou ter ouvido de sua família que “se você quer fazer História, deve ser em St. Stephen’s College”. Esta narrativa aponta para três dimensões fundamentais das trajetórias escolares desses grupos: (i) há uma grande consciência sobre a importância das instituições pelas quais se passa para um percurso de “sucesso profissional”; (ii) ser admitido numa dessas instituições produtoras de noções de excepcionalidade funciona como um fiel da balança nas tão importantes negociações familiares; e (iii) as entrevistas de admissão avaliam, para além de critérios objetivos de entrada, como as notas escolares, dimensões subjetivas e que dizem respeito à adesão dos alunos a certas disposições mentais e corporais que configuram o *espírito de corpo* da instituição (BOURDIEU, 1989)<sup>6</sup>. Ou seja, a instituição elege, por meio de um comitê de seleção que encarna essas disposições,

---

6 Por exemplo, o irmão de um interlocutor, que estudou em St. Stephen’s no final dos anos 90, foi questionado sobre a sua posição em relação aos movimentos de independência dos Naga, que exigem vários distritos no nordeste do país para a criação de Nagaland como país independente da Índia. Este estudante é ele próprio de origem naga e naquela altura um tratado de cessar-fogo tinha acabado de ser assinado com o objetivo de pôr fim a um período de grande violência. Meu interlocutor me relatava isso sugerindo que “a resposta certa” à pergunta consistia em se opor aos movimentos de independência.

aqueles que ela considera mais dispostos a abraçar os valores e identidade que são os seus, e que, não por acaso, são bastante homólogos aos valores e inclinações de famílias de classes médias altas e de altas castas. Nikhil, que foi criado por seu avô diplomata, passou por excelentes escolas na Índia e na Europa, onde morou com seu avô, mas que estavam fora dos tradicionais circuitos delienses e calcutaenses onde essas redes fortes de indicação e afinidade eletiva operam. Ao mesmo tempo, vindo de uma família de grande capital cultural e político, Nikhil estava longe de ser considerado um *outsider*. Isso aponta para o fato de que a via real que conduz às melhores instituições, e mais tarde às melhores oportunidades profissionais, não apenas passa por um número muito restrito de instituições prestigiosas, mas preferencialmente por instituições que compõem universos locais de circulação de relações, valores e afinidades.

Com efeito, as trajetórias educacionais dos pesquisadores indianos em Ciências Sociais empregados na Europa são incrivelmente homogêneas: muitos estudaram em escolas de grande prestígio de Délhi, mas também de Calcutá, de Mumbai e, em alguns poucos casos, do sul da Índia. Quase que a integralidade dos 50 entrevistados passou pela cidade de Délhi, para sua graduação (em algum dos principais *colleges* afiliados à Universidade de Délhi) e pós-graduação (notadamente na Jawaharlal Nehru University, instituição apenas de pós-graduação e de renome mundial). Apesar de menos expressivo, é considerável o número de doutorandos e pós-doutorandos indianos na Europa que passaram não por Délhi, mas por Calcutá (especialmente pela tradicional Presidency University), mobilizando assim antigas redes bengalis de circulação intelectual e que datam do século 18, período em que Calcutá tornar-se-ia o grande centro econômico e intelectual da Índia colonial, antes de perder este lugar para Délhi ao longo das últimas décadas. Mas as representações em torno do que é um “intelectual indiano” ainda permanecem profundamente atreladas à intelectualidade bengali caudatária de valores estéticos e políticos que se construíram ao longo do século XIX através de movimentos culturais de altas castas muito influenciadas pelas suas relações com intelectuais europeus<sup>7</sup>.

---

7 Exploro esta questão em outro artigo (FERREIRA, 2020).

## Mães e esposas: gênero e casamento nas trajetórias educacionais

Por terem consciência sobre a alta competitividade que marca essas redes de prestígio escolar, que fazem com que um filho seja aceito numa escola ou universidade de grande renome, as famílias devem construir desde muito cedo *relações de relações* que lhes deem acesso a quem decide. Estas são também relações multiescalares de influência porque se estendem tanto horizontalmente através de diferentes esferas profissionais públicas e privadas, quanto verticalmente através de diferentes escalões de influência. E como apontam sabiamente Henrik e Donner, no seu estudo sobre as transformações no papel das mulheres da classe média do Bengala Ocidental na escolarização dos filhos, a maior parte deste trabalho de construção das redes que garantem acesso às melhores escolas é de responsabilidade das mães.

Naranappa, um homem nos seus 50 anos, filho de um empresário e mãe dona de casa, hoje professor de História numa prestigiosa universidade americana, explicita o papel de sua mãe na garantia de uma vaga para ele na *Doon School*, a mais célebre escola indiana<sup>8</sup>. Fundada em 1935, a instituição tornar-se-ia o mais reconhecido internato da Índia, reputada por formar as crianças de uma “elite” que, preocupada em assegurar a participação de sua família em redes de influência, inscreve seus filhos ainda recém-nascido na disputada lista de espera da referida escola (SRIVASTAVA, 1998). A este respeito, Naranappa atribui sua vaga na *Doon School* ao fato de a sua mãe “ter feito as conexões muitos anos antes [de sua admissão]”, reconhecendo o capital social de que a sua família desfrutava, apesar de não ter vindo de origens tão prósperas como muitos dos seus colegas:

*A Doon School era um colégio interno, certo? E não tive uma boa experiência lá, porque aquela era uma escola de elite,*

---

8 Ela pode ser comparada com St. Paul's School nos Estados Unidos (KHAN, 2011).

*muito mais elite do que a minha origem. Todos lá eram muito ricos. Nós não estávamos numa situação ruim, éramos da classe média alta, mas não daquele nível. Foi, portanto, um pouco difícil.*

Neste contexto, o lugar ocupado pela mãe de Naranappa na sua trajetória educacional não é de modo algum insignificante, sobretudo na medida em que fala de práticas cada vez mais comuns nos últimos 30 anos entre as classes médias urbanas da Índia. Donner destaca as estratégias de investimento utilizadas por estas famílias de classe média para assegurar o sucesso educacional e profissional dos seus filhos, especialmente os meninos, a partir dos anos 1980. Uma primeira observação apresentada pelo antropólogo diz respeito à conversão da escolarização das mulheres em capital escolar para os filhos: não é à toa que, apesar do aumento da escolaridade delas, a sua participação no mercado de trabalho formal diminuiu ao longo dos anos 1990 (BANERJEE, 2003). A explicação para isto residiria no fato de que o peso relativo da educação formal de língua inglesa e a maior competitividade do mercado de trabalho acabaram por recair sobre os ombros das mães e avós (especialmente as sogras das mães, relação central nos arranjos familiares indianos) que, especialmente as primeiras, devem agora ser educadas para poderem se dedicar plena e eficazmente à educação dos filhos. Soma-se a isso um intensivo processo de “nuclearização” de famílias, próprio à sociedade de ideologia individualista, que funciona tradicionalmente segundo um modelo de “cuidado compartilhado” [*shared parenting*] com parentes e famílias vizinhas (DONNER, 2005, p. 131). O resultado é que tarefas antes compartilhadas pela família estendida são agora centralizadas na figura materna.

A segunda constatação de Donner revela o lugar destas mulheres na construção de redes educativas. Como estas classes médias tomam consciência das transformações no mercado de trabalho e da educação necessária para conseguir empregos mais bem remunerados, não só “a escolaridade domina a vida familiar 24 horas por dia, e as mães estão envolvidas em atividades relacionadas com a escola quase todo o dia”, como também

estas mães se tornam as figuras responsáveis por tecer as ligações e recolher informações essenciais sobre as escolas mais populares.

Além disso, a pressão familiar para a construção de uma trajetória “de sucesso” leva também a pressões relativas ao casamento, sobretudo no caso de mulheres. Para muitas mulheres, partir para Délhi, e mais tarde para o exterior, no quadro de seus estudos é uma forma de fuga da tutela familiar e da expectativa mais ou menos explícita do casamento. É preciso mencionar rapidamente que, na Índia, a instituição do matrimônio obedece a lógicas muito diferentes daquelas que são habituais no Brasil, e que mesmo essas lógicas variam muito de acordo com as regiões da Índia e contextos sociais. Ainda mais importante, o lugar atribuído ao casamento tem passado por mudanças significativas que fazem com que valores mais tradicionais, e que remetem ao casamento arranjado, convivam com valores típicos de sociedades individualistas, e que remetem à livre escolha em relação a casar-se ou não<sup>9</sup>. No caso dessas classes médias urbanas indianas, é muito comum a existência de certa ambivalência entre o desejo de ver suas filhas casadas e a identificação com as supramencionadas “credenciais” da modernidade. E essa pressão pode continuar mesmo após esses pesquisadores já serem economicamente independentes.

Ruth é uma mulher nos seus 40 anos, professora de História numa importante instituição de Londres, fala do lugar do matrimônio em seu

---

9 Na Índia há dois termos muito correntes para designar o casamento: *mariage* [casamento] e *lovemariage* [casamento por amor]. O primeiro é mais amplo e designa tanto o casamento arranjado quanto o casamento por amor, enquanto o segundo, ao adjetivar, sublinha que aquele não é um casamento arranjado. Ao mesmo tempo, um casamento arranjado não significa necessariamente um casamento forçado, visto que essa prática adquiriu novas faces ao longo das últimas décadas. Atualmente, apesar da grande pressão que pode ser exercida sobre os jovens para que encontrem um esposo e esposa adequados à sua própria condição social, é de praxe que ambos possam escolher com qual candidato se casar ou não. Evidentemente, isso não exclui significativas assimetrias de gênero que fazem com que a pressão para o casamento seja maior sobre as mulheres e que os candidatos homens possam encontrar e recusar um número muito maior de candidatas do que o contrário.

percurso pessoal. Seus pais realizaram uma trajetória de ascensão social, pertencendo a uma casta baixa – que ela prefere não mencionar, como é comum nesse contexto – através do funcionalismo público. Na ocasião do nosso encontro, ela era noiva de um pesquisador europeu, um *love marriage*. Antes disso, durante muitos anos, quando ela já não morava mais na Índia, ela conversava com candidatos por telefone, sempre indicados por seus pais. Ela me conta que seu pai insistia para que ela “apenas desse uma chance”, o que ela fez repetidas vezes apenas para manter sua relação em bons termos com sua família, e mesmo todos sabendo que sua resposta seria negativa. Essas negociações fazem parte não apenas da manutenção de relações familiares, mas também do apoio familiar do qual esses pesquisadores vindos das classes médias indianas gozam até estarem “estabelecidos”, como exploro na seção seguinte.

### “As coisas mudaram muito”: futuro e precariedade

Como Mark Holmström também reconhece, estas famílias se beneficiam do investimento em “conhecimento, contatos e redes” (HOLMSTRÖM, 1999 apud DONNER, 2005, p. 135), e estas são cada vez mais consolidadas pelas mulheres no contexto familiar. Entretanto, como diria Naranappa, “as coisas mudaram muito” em relação “àqueles dias” em que ele era estudante, nos anos 1980:

*Naranappa – Tudo se tornou mais profissional e competitivo. Quer dizer, jamais tive dúvidas de que entraria no St. Stephen's College, apesar de não ter tido excelentes notas na escola... Eu me saí bem nos últimos anos. Quando me vi livre da Matemática e me concentrei apenas em Humanidades e Geografia e em coisas nas quais eu era bom, eu me saí bem. Não excepcionalmente bem, mas nunca duvidei que entraria em St. Stephen's College. Hoje, com aquelas notas, penso que não teria qualquer chance. Portanto, tudo é mais competitivo, há também um nível muito mais elevado de profissionalismo. [...]*

Eu – E como foi a sua experiência em St. Stephen’s College?  
Naranappa – *Eu não era um aluno sério. Fiz de tudo, coisas péssimas que não vou te contar [gargalhadas]. Mas eu não me saí muito bem. Quer dizer, eu faltava em uma aula sim e outra não e, na verdade, tinha um professor, pai de algum outro aluno, que dizia muitas vezes “ah sim, há algumas pessoas que estavam mal colocados e agora estão indo bem em História” [risadas] e então sempre citava o meu nome [risadas]. [...]* Assim, eu me saí muito melhor no meu mestrado. Depois, eu me mais tornei sério e me saí bem. Basicamente, a salvação... ou o passaporte para tudo no meio acadêmico é ser o melhor aluno da turma. Então foi isso que fiz. Então isso abriu portas e foi assim que acabei dando aulas em St. Stephen’s College durante dois anos.

Segundo os relatos dos meus interlocutores, ter estudado no St. Stephen’s College pode significar a aceitação quase automática noutras instituições no curso de uma carreira acadêmica, tanto na Índia como no exterior. Uma das razões para isso é o *espírito de corpo* da instituição, que produz redes de afinidade extremamente duradouras entre famílias – que, por sua vez, transmitirão um grande capital a seus filhos. Os *Stephanians* são benquistos não só junto aos júris de seleção de mestrado e doutoramento da JNU, uma continuação natural para aqueles que buscam uma carreira acadêmica internacional, mas também em instituições britânicas que recrutam estudantes indianos. Um exemplo recorrente dessas dinâmicas, mais uma vez segundo os meus interlocutores, é o processo de seleção na Índia para as bolsas de doutoramento no Reino Unido concedidas pelo *Commonwealth Scholarship and Fellowship Program* (CSFP), um dos mais importantes programas de financiamento de estudos para estudantes indianos na Europa. Para um número considerável dos meus interlocutores, incluindo aqueles que foram bolsistas, a origem social e institucional dos candidatos é decisiva para os resultados. Isto é tanto mais verdade que o processo de seleção dos laureados é conduzido em Délhi e exige uma entrevista. Muitos de meus interlocutores apontavam para o fato que a

atribuição das bolsas era um processo pouco transparente e que as conexões familiares possuem um peso muito grande nas decisões<sup>10</sup>.

Em sua narrativa, Naranappa mostra grande segurança em relação ao seu futuro. Um tal sentimento de confiança é, como importantes trabalhos etnográficos de instituições de elite têm demonstrado (KHAN, 2011), muito característico de jovens que passaram por instituições de elite com um forte *espírito de corpo*: o futuro pertence a esses jovens em razão do capital escolar transmitido a eles pela instituição, ao mesmo tempo em que fazer parte da instituição significa incorporar um espírito de *aisance* que o distingue de quem não pertence a esta elite. Importante, como argumenta Shamus Khan, essa *aisance* não significa arrogância, postura cada vez mais proscria num mercado de trabalho afeito ao discurso do respeito à diversidade e inclusão social, mas é, antes, uma destreza no ato de navegar entre diferentes contextos hierárquicos, situações sociais e cenários de futuros cada vez mais incertos.

A escola, contudo, não é a única instituição a produzir tais sentimentos de confiança. O pertencimento a uma família bem posicionada socialmente costuma ser não apenas uma fonte de relações que inserem esses sujeitos em espaços de prestígio e acúmulo de capital, mas também como uma rede de segurança que pode amortecer os custos de investimento no caso de trajetórias errantes. Nas narrativas de meus interlocutores, sobretudo entre aqueles que vinham de contextos familiares mais privilegiados, fica claro como as origens familiares proporcionam maior sentimento de segurança e de liberdade para que eles façam interrupções temporárias em suas trajetórias diante de questionamentos sobre o futuro profissional.

“Você deveria ler mais sobre a História moderna da Índia para conhecer melhor a minha família”, diz Indira orgulhosamente depois de eu

---

10 De acordo com chamada pública de candidaturas para o ano 2018-2019, “a seleção preliminar de candidatos a bolsas de estudo é realizada na Índia pelo Ministério do Desenvolvimento de Recursos Humanos (MHRD), Departamento de Educação, e Governo da Índia. A seleção preliminar é feita através de um processo de pré-seleção de candidaturas, seguido de entrevistas pessoais em Nova Deli”. Site oficial do programa: <http://cscuk.dfid.gov.uk/apply/>.

tê-la dito que nunca havia ouvido seu sobrenome. Nascida numa família extremamente abastada, conhecida pelo seu lugar proeminente na história política e econômica indiana, Indira mudou-se para os Estados Unidos nos anos 80 para obter o seu bacharelato em História numa universidade da Ivy League, e depois para Cambridge, Inglaterra, para completar o seu mestrado. Hoje, é professora de uma importante universidade canadense. Como para muitos dos meus interlocutores, a sua trajetória inclui um momento de dúvida sobre o desejo de seguir a carreira acadêmica após o mestrado. Nesse contexto, ela acabaria por buscar um trabalho fora da universidade, mas ainda dentro das suas redes familiares: ocuparia uma posição durante alguns meses num projeto de desenvolvimento liderado por uma organização internacional de renome. Uma das motivações de Indira para retomar os seus estudos e regressar à universidade onde tinha concluído o seu bacharelato foi uma conversa com um dos altos administradores da renomada instituição, que a convenceria, de modo afetuoso, a regressar.

Trajetórias como a dela, de hesitação e abandono temporário da vida universitária entre os níveis de mestrado e doutoramento, não são raras entre os meus interlocutores de famílias abastadas. São tão mais comuns na medida em que estas redes académicas andam lado a lado a redes sociais e familiares com um grande capital social. Tais redes de conhecimento garantem não só a possibilidade de retomar uma carreira profissional em qualquer altura, mas também as condições pecuniárias e emocionais para o livre exercício da dúvida. Contudo, não é apenas a dúvida que permite o recurso às redes familiares, mas também a crescente competição e incertezas que marcam as trajetórias diante da precarização avançada da profissão, expressa no aumento vertiginoso de contratos temporários com títulos engenhosos (*visiting scholar*, *associated researcher*, entre outras modalidades de bolsas e contratos pagos por hora) em detrimento de posições permanentes (como as tradicionais posições de *Lecturer*, *Reader* e *Professor*).

“Os jovens pesquisadores de hoje têm que ser ardilosos [*hustlers*]”, diz ainda Indira, enquanto discuto com ela as estratégias que considera

necessárias para fazer uma carreira acadêmica hoje. Para ela, o ideal da participação numa escola de pensamento ou linhagem intelectual, um aspecto caro à profissão acadêmica, tornou-se um sonho purista (PEIRANO, 1990). Sobretudo nos contextos europeu e estadunidense, onde a precarização da profissão acadêmica atinge níveis muito altos, com uma escassez cada vez maior de postos permanentes e a proliferação de trabalhos temporários e mal pagos, jovens pesquisadores são conduzidos a conceber muito pragmaticamente suas estratégias de carreira, adaptando-se teoricamente<sup>11</sup>. No caso dos pesquisadores indianos, esse cenário produz uma situação muito ambivalente, pois ao mesmo tempo em que as circulações acadêmicas entre os dois países datam de pelo menos um século<sup>12</sup>, configurando assim um imaginário dos quais são adeptos meus interlocutores, apenas recentemente as instituições europeias se abriram para a contratação de intelectuais do Sul Global. Acontece que essa relativa abertura, pautada em políticas científico-culturais da diversidade e nos rearranjos geopolíticos que criaram um novo mercado universitário étnico, deu-se no mesmo período de aumento das políticas neoliberais de precarização do trabalho acadêmico. E famílias têm um papel fundamental no modo como essas pessoas vivem a precariedade.

Este é um tema sobre o qual conversei com Sonali, uma de minhas interlocutoras no Reino Unido. Nascida nos Estados Unidos, ela se considera

---

11 Discuto mais longamente esta questão em outro artigo (FERREIRA, 2017).

12 Num sentido mais amplo, as circulações intelectuais entre a Índia e a Europa no quadro de instituições científicas datam ao menos do final do século 18, com a fundação da Asiatic Society of Bengal em Calcutá (KEJARIWAL, 1988). Correspondendo a um modelo colonial de relações intelectuais, elas estavam essencialmente ligadas ao Orientalismo e seus atores que se instalavam na Índia não apenas para realizar pesquisas de campo, mas também se beneficiar da erudição de intelectuais locais em todas as áreas do saber (Linguística, Botânica, Arqueologia, História, Geografia etc.) (RAJ, 2006). Já a fundação da School of Oriental Studies, em 1916 (mais tarde, School of Oriental and African Studies, SOAS), marca o início de um modelo de circulações universitárias baseado na formação de jovens das elites coloniais em instituições das suas respectivas metrópoles (BÉNÉI, 2005). Ao longo do século XX, a presença desses alunos só aumentaria (PHILIPS, 1967) ao mesmo tempo que aumentaria a força dessas instituições no imaginário social compartilhado por estudantes indianos (FERREIRA, 2017).

uma pesquisadora de origem indiana, devido, sobretudo, aos seus laços familiares, uma vez que ambos os seus pais nasceram em Andhra Pradesh, no sul da Índia, antes de se mudarem para os Estados Unidos. À semelhança de outros casos que encontrei, os seus pais fazem parte de uma vaga de médicos indianos que, no início dos anos 1980, aproveitaram uma grande procura de profissionais de saúde neste país, mas também na Inglaterra. Tendo estudado Ciências Sociais em Yale e Chicago, Sonali estava então no último ano de uma bolsa de pós-doutoramento numa universidade britânica de renome. Ela vive nesta bucólica cidade com o marido, também no seu último ano de pós-doutoramento, e o filho de cinco anos, nascido enquanto ensinava temporariamente nos Estados Unidos após o seu doutoramento. Sonali está na casa dos 30 anos e não conhece o seu futuro e o da sua família para o próximo ano. Um ano antes, quando nos conhecemos, também não. Naquela altura, ela ainda estava à espera de uma resposta ao seu pedido de prorrogação da sua bolsa de estudo por um ano, que lhe foi concedida; naquela conversa, a única coisa da qual tinha certeza era que a possibilidade de uma nova renovação não existia.

No início da nossa conversa, a sua relação com o futuro é marcada por uma sensação mista de ansiedade sobre o longo prazo – “Sinto-me um pouco ansiosa...” – combinada com certa resignação ponderada sobre o futuro próximo – “não estou preocupada com”, “sinto-me bastante bem com isso” – pois está consciente de que a sua formação académica lhe permitirá encontrar uma “posição medíocre” temporária para sobreviver.

*Por isso, penso sempre na precariedade, e experimento-a a toda a hora. Por outro lado, também sei que tenho tido muita sorte. E é muitas vezes como a desigualdade no local de trabalho funciona realmente, o que quer dizer que a qualquer momento pensamos em nós próprios como... “bem, esta não é a minha posição ideal, mas pelo menos tenho sorte em tê-la”, e muitas das posições que tive vão muito nesse sentido porque, de fato, em muitos aspectos, são as melhores das posições precárias.*

A carreira na Europa coloca esses sujeitos num limbo social entre, de um lado, o reconhecimento pelo fato de estar na Europa e, de outro, a dependência financeira em relação aos pais. Nessa conjuntura, pertencer à classe média indiana, ou indo-americana, já não lhes dá a estabilidade que lhes havia sido prometida: “porque existe basicamente uma forma de se viver com medo constante de uma espécie de *mobilitade social descente*”. Contudo, ela sabe que não é apenas sua formação de excelência que lhe garantirá uma posição qualquer para o sustento de sua família. Sua situação familiar é também reconhecida por ela: “Na Índia, a classe média está sempre muito ansiosa por se estabelecer [*settle*] e esta é uma palavra que usa em inglês, independentemente da língua que se fala em casa”. Esse, continua ela, “é um tipo de ansiedade que não se pode não ter experimentado, em alguma medida, quanto se é parte da classe média na Ásia do Sul”. Com efeito, a inquietude das famílias dessas pessoas em relação ao seu porvir é um elemento presente nas narrativas de muitos dos meus interlocutores. Sobretudo porque, como já disse, essas famílias têm um perfil de classe média historicamente privilegiada em termos de acesso a empregos estáveis, prestigiosos e bem remunerados, e as expectativas sobre meus interlocutores é muito alta, e continuam a ser durante a vida adulta. É preciso “se estabelecer”.

Partir cedo...

O desejo de partir para a Europa não resulta de um projeto apenas individual. Ele se nutre de um imaginário pós-colonial próprio à história intelectual e política da Índia na sua relação com a Europa, e, sobretudo, o Reino Unido. Dito de outro modo, a segunda metade do século 20 viu a consolidação de um modelo “nehruviano” de famílias de classe média urbanas – uma referência à Jawaharlal Nehru – e que corresponde amplamente às famílias nas quais cresceram meus interlocutores. Figura importante na luta anti-colonial da Índia, Nehru foi não só um líder político e o primeiro-ministro da independência, mas também o criador de um pensamento abrangente

sobre o futuro desta sociedade. Nascido numa família de casta brãmãne, abastada e educada da região da Caxemira, foi para Cambridge em 1907 para estudar Direito antes de regressar à Índia e juntar-se ao Congresso indiano e mais tarde se tornar um dos líderes da independência. Mais do que uma figura política, as grandes narrativas históricas o colocam como um dos grandes pensadores do projeto de identidade nacional adotado para o país que se tornava soberano em todas as esferas da vida nacional: política, econômica, religiosa, cultural, familiar, vida intelectual, e assim por diante. O seu livro *The Discovery of India* (1946), obra dedicada a uma interpretação do país e uma sistematização apaixonada deste projeto econômico, político, cultural e social, escrito durante os seus anos de prisão, tornou-se leitura obrigatória em todas as escolas do país.

O que me interessa aqui é salientar que, apesar de existirem outras figuras e modelos públicos entre os diferentes grupos sociais – religiosos, castas, e mesmo os diferentes grupos políticos –, o fato é que num certo meio acadêmico cujo espectro político vai da esquerda para o centro – onde se situa a maioria dos meus interlocutores –, os valores encarnados e defendidos por Nehru e os seus aliados dominaram historicamente as representações da classe média urbana moderna, bem como as práticas políticas, epistemológicas e morais dos seus sujeitos. Entre os elementos que compõem este tipo ideal da família nehruviana, encontramos o exercício de certas profissões (especialmente serviço público, ensino, finanças, comércio e profissões de prestígio como a Engenharia, Direito e Medicina), vida urbana, pertencente a uma família inscrita numa tradição de consagração à nação (frequentemente através do serviço público), e um duplo domínio do inglês (a língua da modernidade) e do hindi, ou mesmo sânscrito (a linguagem da tradição, das tradições a que estas famílias pertencem), bem como a defesa de certos valores “ocidentais”, vistos como caros ao projeto nehruviano de modernidade, tais como o Estado secularizado, a democracia, o desenvolvimento e a racionalidade científica e burocrática.

É importante ressaltar a dimensão pós-colonial deste modelo na medida em que, longe de ser um caso excepcional, Nehru representa bem

gerações de jovens indianos de altas castas que se inscrevem numa história colonial de produção de uma *intelligentsia* local. Como importantes historiadores têm demonstrado (BAYLY, 2007; FULLER; NARASIMHAN, 2014), as elites educacionais do século 20 constituem linhagens de grupos como os *bhadraloks*, termo que serve a designar as altas castas bengalis, proprietárias de terra, e que entretinham laços de grande proximidade com intelectuais britânicos. Além de constatar que esses modelos intelectuais – anglófilos e de altas castas – resultam de um imaginário construído ao longo de dois séculos, ela afirma que a realização concreta desses modelos passa pela transmissão, desde o período colonial até hoje, através de redes de casamento e laços familiares uma tradição fortemente baseada na família de realização educacional e profissional (BAYLY, 2007, p. 100, tradução livre).

Nos seus trabalhos sobre a vida intelectual indiana e vietnamita, Susan Bayly aborda estas mesmas questões na perspectiva de uma história intelectual e, mais recentemente, uma etnografia de práticas e narrativas relativas às trajetórias das famílias ‘*intelligentsia*’ no Vietnã e na Índia (BAYLY, 2007). Em relação ao período contemporâneo, a sua análise baseia-se principalmente nas recordações de seus interlocutores e amigos ligados à administração indiana que inscreveram suas narrativas individuais e familiares em certas tradições intelectuais tanto de casta como de classe. Ao pintar um retrato bastante detalhado de um dos seus interlocutores, um alto funcionário da administração indiana pertencente a uma família que tem tido relações muito estreitas com o poder desde o período colonial, ela destaca as tensões pós-imperial relacionadas a estas trajetórias. O que é importante aqui é o foco de Bayly nas disputas sobre as representações que definem o que ela chama de “modernos com credenciais” [*credential moderns*], ou seja, o tipo ideal do cidadão na Índia independente e moderna, assim como o seu “tipo distinto de família”. Este é o modelo nehruviano que, durante várias décadas, foi a definição da família indiana de classe média urbana e culta: uma família educada num imaginário anglófilo e para a qual partir para a Inglaterra – ou, mais recentemente, Estados Unidos, Europa, Austrália e Ásia do Sudeste – é uma etapa desejável na construção de uma trajetória de sucesso.

O modo como estes valores e história se traduzem em trajetórias familiares e individuais que conduzem à Europa é muito claro na narrativa de outro interlocutor, Binoy. Professor na Universidade de Cambridge, nos seus 30 anos, Binoy me recebeu em seu escritório: sobre a mesa, um busto de Mahatma Gandhi; colada à parede, uma fotografia de três figuras masculinas com Rabindranath Tagore, grande escritor indiano, poeta, compositor, filósofo e educador do final do século 19 e começo do 20, e primeiro não ocidental a receber um prêmio Nobel de literatura. Binoy é um jovem acadêmico nascido no estado indiano de Assam, numa família de professores universitários especializados em literatura e filosofia inglesa. Embora os seus pais sejam hindus, a sua tia cristã teve uma influência significativa na sua formação religiosa, ao ponto de ele se identificar como cristão por meio dela. A sua mãe era uma Vaishnava praticante (um devoto de Vishnu como deus supremo), enquanto que, para o seu pai, um hindu de formação, “Tagore era a religião”. É precisamente através deste relato de uma família constituída na encruzilhada de diferentes práticas religiosas, valores que são simultaneamente espirituais e seculares, anglófilo e cosmopolita hinduísmo, todos representados nas figuras de Tagore e Gandhi, que Binoy interpreta toda a sua trajetória e a sua posição ética perante o mundo.

O mesmo se aplica à sua formação acadêmica, entre o já mencionado St. Stephen’s College (Universidade de Délhi) e Cambridge. St. Stephen’s College, que, conta ele em detalhe, foi fundado por uma missão anglicana britânica em 1881, chamada Missão de Cambridge. Ao demonstrar um conhecimento profundo que lhe permite, acima de tudo, inscrever-se na história do mais famoso colégio indiano – e pelo qual passou a maior parte dos meus interlocutores na Inglaterra –, ele sublinha em várias ocasiões que a instituição foi criada de acordo com os modelos de Cambridge. Binoy destaca precisamente a relação histórica íntima e ainda existente entre o St. Stephen’s College e Cambridge, onde a maioria dos seus professores foi formada, e através da qual os Stephanians desenvolvem uma grande familiaridade com a instituição britânica. Binoy descreve a sua chegada a Cambridge, após vários anos em Assam e Délhi, evocando um sentimento de

grande familiaridade com a cidade e a instituição: “O St. Stephen’s College enquadra-se perfeitamente em Cambridge”, diz ele. Mais do que isso, ele me diria que na primeira vez em que havia botado os pés em Cambridge, seu sentimento foi de familiaridade com aquele lugar.

Outra dimensão menos homogênea, mas ainda sim muito presente, entre as trajetórias de meus interlocutores diz respeito às redes familiares transnacionais. O imaginário que descrevo acima não é alimentado apenas de história e narrativas, mas de pessoas e objetos que circulam de modo muito concreto e que passam pelas redes familiares de muitos de meus interlocutores. Eles possuem familiares, próximos ou distantes, que são parte dos 80 milhões de indianos que moram no exterior. Muitos deles, ao partirem para seus estudos, beneficiam-se de redes de relações fortes que lhes permitem, antes de qualquer coisa, ter acesso às informações mais claras e cientes sobre o que é preciso para se candidatar a uma instituição e constituir um bom dossiê de candidatura. Não por acaso, alguns de meus interlocutores apontam para o fato de que a internet representou uma maior acessibilidade àqueles que não dispõem dessas redes. Se isto pode parecer banal a partir dos anos 2010, não era assim anteriormente, período em que muitos dos meus interlocutores realizaram seus estudos.

A narrativa de Masood, nascido na década de 1970 numa pequena cidade incrustada nos vales do Nepal, restitui a importância da internet na construção de trajetórias de jovens que não gozavam de redes familiares na Europa. Seu pai era funcionário público com diploma universitário, enquanto sua mãe, dona de casa, podia, ele me explica, assinar o seu nome e ler a primeira página dos jornais. Embora pertença a uma família brãmãne – confessou-me mais tarde que é uma família mista, com parentes próximos de dalits e outras castas também – vive nas modestas condições econômicas de uma família de classe média-baixa numa pequena cidade. Frequentou uma escola pública local, onde as aulas eram dadas em nepalês – o que era o caso até para aulas semanais de inglês – até se mudar para Kathmandu, em 1996, para o seu Bacharelato em ciências. Um pouco mais tarde, o seu pai foi também eventualmente transferido para a capital

para trabalhar numa posição ligada ao Ministério da Educação. Em suma, a condição social e familiar de Masood é relativamente estável, mas sem espaço para gastos excepcionais: ele pertence ao que descreve como uma “classe média baixa”, brâmane mista, de uma pequena aldeia nepalesa, e não tendo tido uma educação de língua inglesa. Sua trajetória não é, portanto, exatamente a mesma que a dos meus interlocutores urbanos de classe média alta, nem a das pessoas da casta inferior que conheci. As despesas relacionadas com a sua educação superior, por exemplo, numa instituição privada em Katmandu, foram objeto de muita discussão com o seu pai: embora tenha conseguido completar os seus estudos, trabalhou para empresas privadas durante os três anos do seu bacharelato, a fim de poder financiar a sua educação.

A sua opção inicial por uma licenciatura em ciências exatas será pautada por um raciocínio pragmático de sua família sobre a sua futura carreira profissional. O seu desejo de estudar Sociologia é rapidamente rejeitado: tomar a rota das humanidades, segundo a opinião da sua família, não pode ter outra saída senão a de se tornar um professor escolar mal pago. No entanto, inicialmente matriculado num bacharelato em ciências exatas, ele encontraria uma graduação em Serviço Social criada recentemente, que ele associa erroneamente à Sociologia, oferecida por uma faculdade de prestígio da Universidade de Kathmandu. Salaria que a instituição era bem conhecida, o número de estudantes era limitado, e ao contrário do curso homônimo nos Estados Unidos ou no Reino Unido, o curso era próximo dos Estudos de Desenvolvimento pelos quais se interessava. Tudo isto teve um efeito tranquilizador sobre ele e a sua família, porque o aspecto da profissionalização fez dele um empreendimento promissor: “Se fizer este curso, é muito provável que venha a empregar-se no sector do desenvolvimento”, diz ele.

Durante este período, assisti às aulas com vários professores visitantes indianos. Foi durante estes anos que a oportunidade de fazer um mestrado no Tata Institute of Social Sciences (TISS) em Mumbai, uma das instituições indianas mais reconhecidas na área, tornou-se um projeto para

ele. Acompanhado por alguns colegas de graduação, realizará uma viagem de ônibus de três dias até Mumbai para os exames de admissão: este movimento internacional e institucional parecia então natural não apenas para ele, mas também para muitos de seus colegas que aspiravam a uma carreira de sucesso no setor do desenvolvimento. Enquanto para estes jovens ir à Índia era uma forma de “melhorar as suas credenciais acadêmicas”, para outros, vindos de famílias mais ricas, a escolha mais óbvia era de partir para os Estados Unidos. Uma vez na Índia no início dos anos 2000, ele começa a alimentar planos para se mudar para o Reino Unido, o que, segundo ele, será possível graças à Internet. Embora a candidatura às instituições europeias fosse em princípio longa e dispendiosa, uma vez que exigia o envio de várias cartas, esta nova ferramenta informática permitiu àqueles que a ela tinham acesso informarem-se e candidatarem-se a estudos e financiamento de forma mais independente. Isso porque os tornava menos dependente de redes de interconhecimento:

*Se não existisse Internet, eu nunca teria partido para o Reino Unido. Foi a descoberta da Internet, no início dos anos 2000 que, de alguma forma... Quando me mudei para Mumbai, tive acesso a isso. [...] Foi fascinante descobrir universidades enquanto eu estudava na Índia, é como... Alguns dos meus colegas já tinham escolhido o tema de sua tese porque tinham na sua família pessoas que haviam ido para a Grã-Bretanha para os seus estudos, Oxford, Cambridge e assim por diante, e já tinham começado a enviar suas candidaturas. Então eu também aproveitei isso, e havia a estrutura para e-mails na universidade - pela qual tinha que se pagar - e tínhamos um endereço de e-mail. Assim, naquela altura, ter um endereço de e-mail era uma coisa muito importante porque se podia escrever a qualquer pessoa. Sabe, tínhamos acesso à Internet, acessávamos nossa conta de e-mail... se escrevêssemos a alguém, essa pessoa responderia em seguida. Podíamos escrever a grandes instituições para pedir documentos, por exemplo [...] Sabíamos que se escrevêssemos um e-mail, em poucas horas receberíamos o documento, porque havia muito poucas pessoas que utilizavam isso, e aproveitamos ao máximo. Pedimos também*

*prospectos de universidades do Reino Unido. Assim, o meu colega de quarto em Mumbai e eu tínhamos muitas e muitas brochuras de apresentação da formação enviadas. Só precisávamos mandar um e-mail. A Internet foi provavelmente a forma como tive acesso ao Reino Unido. Não teria visto ou ouvido falar da universidade ou do centro onde fiz o meu doutoramento, ou do meu supervisor, se não houvesse Internet. Não me lembro de nenhum trabalho do meu supervisor ter sido ensinado na minha turma, no Nepal ou na Índia. Por isso, penso que a Internet teve um papel enorme. [...] Mas ela não era acessível para muitos dos meus colegas, que não se mudaram para Bombaim para estudar; ou talvez para os meus primos mais velhos, que nunca tiveram esse acesso. [...] Antes, era preciso escrever uma carta para receber a brochura da universidade, e saía caro enviar uma carta ao Reino Unido do Nepal ou da Índia; mas o e-mail era gratuito: copia-se e cola-se qualquer número de e-mails.*

Embora possivelmente anedótico hoje, ter acesso à Internet e a um computador é visto por Massod como um fator central para a possibilidade da sua partida para o Reino Unido no início dos anos 2000. Ele vê a Internet como um dispositivo que lhe permite compensar a sua posição de outsider nas redes acadêmicas internacionais e concorrer com seus colegas vindos de famílias com ligações internacionais que facilitavam este movimento.

... e voltar sempre

Estas redes familiares transnacionais não apenas preexistem em muitos casos, mas também são construídas por muitos dos meus interlocutores que se estabelecem na Europa e que continuam a nutrir relações próximas com sua família na Índia. As viagens à Índia, que têm como objetivo principal visitar a família, são bastante comuns, girando em torno de uma a duas viagens por ano, e são mesmo mobilizadas por alguns de meus interlocutores para explicar o modo como se situam subjetivamente neste espaço de circulações.

Num momento em que a chamada “diáspora” indiana ocupa um lugar de grande visibilidade no debate público por sua capacidade de articulação política, especialmente ligada à direita hindu de cunho chauvinista, estes pesquisadores, que se situam no campo progressista e se identificam como cidadãos globais, repudiam toda associação aos grupos “diaspóricos”. Nesse sentido, Irrfan, professor de estudos culturais numa universidade londrina, nos seus 40 anos, nascido em Délhi, fala de sua relação com a Índia. Quando perguntado se se considera parte de uma “diáspora”, ele me responde citando Homi Bhabha: “Eu não me sinto parte de uma diáspora. Eu parti muito tarde e volto com muita frequência”. Irrfan nos fala do fato de que a “diáspora” é um lugar não apenas de construção imaginada de uma Índia hindu intolerante – como afirmam muitos de meus interlocutores –, mas também que suas bases familiares na Índia fazem com que ele retorne com muita frequência para que possa mergulhar no imaginário diaspórico próprio às comunidades indianas instaladas no Reino Unido.

Relações familiares também definem as escolhas relativas aos projetos profissionais de longa duração. Muitos desses pesquisadores diziam preferir um emprego universitário na Europa aos Estados Unidos – outro destino prioritário nesses circuitos acadêmicos – porque na Inglaterra eles estão “a um voo de distância da Índia”, enfatizando o desejo de estarem próximos de seus familiares. Alguns diziam ainda preferir trabalhar em universidades da Ásia do Sudeste, em lugares como Cingapura e Shangai – que compõem hoje uma frente de expansão do mercado universitário global – em razão da proximidade com a Índia. Relações familiares são, aliás, a razão do retorno à Índia de muitos desses pesquisadores diplomados na Europa. Encontrei em Délhi muitos pesquisadores empregados em instituições prósperas, diplomados em instituições de grande renome, como Oxford e Humboldt Berlin – e que significavam seus retornos logo após o doutorado por meio de suas relações familiares. Outros aventavam a possibilidade de retornar à Índia após sua aposentadoria, apesar de, durante minha pesquisa, eu não ter encontrado nenhum que o tenha feito.

## Considerações finais

As trajetórias educacionais dos pesquisadores indianos empregados em instituições europeias – seja em posições permanentes ou precarizadas – evidenciam a importância de projetos e redes familiares na construção de carreiras acadêmicas. Por um lado, observa-se a persistência de tradicionais redes familiares de influência próprias às classes médias e altas indianas na construção de trajetórias educacionais, no contexto indiano e internacional, que se inscrevem numa longa história de circulações de elites coloniais e pós-coloniais. Por outro lado, na medida em que universidades europeias incorporam políticas de inclusão social em seus programas de financiamento a estudantes, novas possibilidades se abrem a trajetórias de mobilidade social. Não obstante, redes familiares continuam a funcionar como dispositivos que permitem o acesso facilitado às instituições escolares e universitárias mais prestigiosas – sobretudo na Índia –, à construção de projetos individuais nutridos de imaginários historicamente consolidados e marcados por interseccionalidades de classe e casta, além de absorver variações de projetos bastante comuns nas trajetórias desses sujeitos.

Ademais, do mesmo modo que pertencças familiares forjam espíritos anglófilos alinhados às instituições de prestígio e impulsionam percursos por meio de comitês de seleção, elas também significam pressões e estrangimentos com os quais esses sujeitos devem negociar ao longo de sua vida profissional e pessoal. Ser aceito numa instituição renomada pode significar o peso necessário que fará a balança pender para a autonomia na escolha do curso universitário que se deseja quando jovem. Partir de casa, sobretudo para a Europa, representa, especialmente no caso de estudantes mulheres, a liberdade afetiva e sexual, quando não a diminuição da pressão direta pelo casamento. Seja como for, trajetórias pessoais e acadêmicas se sobrepõem umas às outras ao longo de vidas inteiras.

## Referências

BAYLY, Susan. *Asian voices in a postcolonial age: Vietnam, India and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BÉNÉÏ, Véronique. 2005. Nations, diaspora and area studies. South Asia, from Great Britain to the United States. In: ASSAYAG, Jackie; BÉNÉÏ, Véronique. *Remapping knowledge. The making of South Asian Studies in India, Europe and America (19th-20th centuries)*. Delhi: Three Essays Collective, 2005. p. 53-96.

BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Les Editions de Minuit, 1979.\_

\_\_\_\_\_. *La Noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Minuit, 1989.

DONNER, Henrike. 'Children are Capital, Grandchildren are Interest': Changing Educational Strategies and Parenting in Calcutta's Middle-Class Families. In: ASSAYAG, Jackie; FULLER, C. J. *Globalizing India. Perspectives from Below*. London: Anthem Press, 2005. p. 119-139.

FERNANDES, Leela. *India's New Middle Class: Democratic Politics in an Era of Economic Reform*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

FERREIRA, Vinicius Kauê. I left too late, I go back too often: sentiments of belonging amongst Indian scholars in the United Kingdom. *Virtual Brazilian Anthropologist*, v. 17, e17702 (21 pgs.), 2020.

FERREIRA, Vinicius Kauê. Habitar o pós-colonial: notas sobre trajetórias e pertencas entre pesquisadores indianos na Europa. *Ilha*, v. 19, n. 2, p. 245-276, 2017.

FERREIRA, Vinicius Kauê. Moving futures. Anthropological reflections on academic mobility and precarious life amongst South Asian Social scientists in Europe. *Indian Anthropologist*, v. 47, n. 1, p. 51-68, 2017.

FULLER, C. J.; NARASIMHAN, Haripriya. *Tamil Brahmins: The Making of a Middle-Class Caste*. Chicago and London: University of Chicago Press, 2014.

KEJARIWAL, O. P. *The Asiatic Society of Bengal and the Discovery of India's Past*. Delhi: Oxford University Press, 1998.

KHAN, Shamus. *Privilege: The Making of an Adolescent Elite at St. Paul's School*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2011.

PEIRANO, Mariza. O antropólogo e suas linhagens: à procura de um diálogo com Fábio Wanderlei Reis. *Série Antropologia*, n. 102, p. 1-12, 1990.

PHILIPS, C. H. Modern Asian Studies in the Universities of the United Kingdom. *Modern Asian Studies*, v. 1, n. 1, p. 1-14, 1967.

RAJ, Kapil. *Relocating modern science. Circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Delhi: Permanent Black, 2006.

REGE, Sharmila. Exorcising the fear of identity. Interrogating the 'language question' in Sociology and sociological language. In: SOBRENOME, Nome (Ed.). *Doing Sociology in India. Genealogies, location and practices..* New Delhi: Oxford University Press, 2011. p. 213-240.

SRIVASTAVA, Sanjay. *Constructing Post-colonial India: National Character and the Doon School*. London and New York: Routledge, 1998.